



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://econtents.bc.unicamp.br/omp/index.php/ebooks/catalog/view/146/153/557-1>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2021 by UNICAMP/BCCL. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

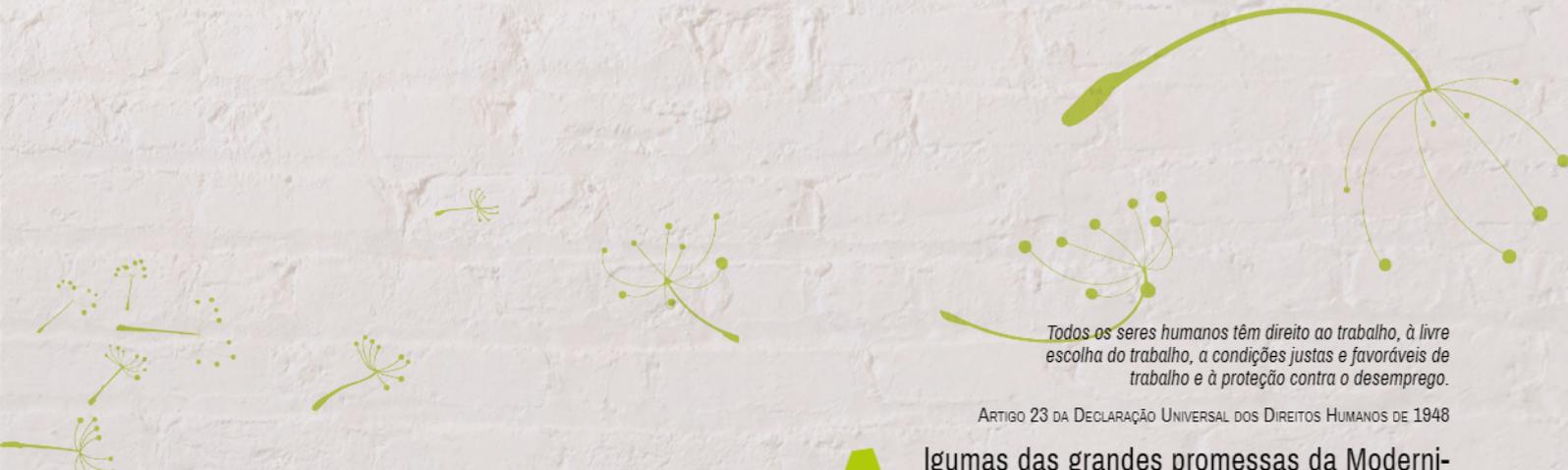
Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

O Trabalho nos tempos do Antropoceno¹: a urgente tarefa de reorientar os passos da economia

Paulo Sérgio Fracalanza

INSTITUTO DE ECONOMIA DA UNICAMP



Todos os seres humanos têm direito ao trabalho, à livre escolha do trabalho, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego.

ARTIGO 23 DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS DE 1948

Algumas das grandes promessas da Modernidade estão a ruir, espetacularmente. Esvanecem nossos sonhos grandiosos de controle da Natureza, com as revoluções tecnológicas que aliviarão o fardo do trabalho e com o inelutável progresso que dissolveria qualquer contratempo que, eventualmente, pudesse surgir entre a taça e os lábios.

No lugar dos sonhos benfazejos, estamos envolvidos na sombria fantasmagoria de um desses pesadelos, dos quais despertamos aliviados, apenas para nos darmos conta de que o tormento não cessou. As crises são todas gêmeas, nos dizem as profecias, e galopam em legião: crise ambiental, crise sanitária, crise econômica, crise social, crise migratória, crise do trabalho.

Concentremo-nos na crise do trabalho. Convenhamos, como ponto de partida, que o trabalho é o alicerce de nossa vida social. Ninguém pode viver sem um meio material (e social) que o sustente, já diria Polanyi, abrindo-nos os olhos para a dimensão substantiva da economia.²

1 Para uma referência em português sobre o Antropoceno, ver ARTAXO, P. Uma nova era geológica em nosso planeta: o Antropoceno? *Revista Usp*, v. 103, p. 13-24, 2014.

2 A esse respeito, ver POLANYI, K. *A subsistência do homem e ensaios correlatos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. p. 63.



O trabalho concede-nos dignidade, dá-nos a identidade do que somos, solda-nos no pertencimento a um grupo, permite-nos reconhecer como sujeitos que contribuem para o florescimento da vida coletiva, oferece-nos o sustento num mundo que não concede muitas alternativas para os que não se inserem em seus fluxos mercantis de venda e compra da força de trabalho. Contudo, nos dias de hoje, as promessas do pleno emprego, da ascensão profissional, da estabilidade, do usufruto dos direitos do trabalho transmutam-se em paisagem inóspita de desocupação, de precariedade, de exclusão, com uma miríade de trabalhos penosos, insalubres e desprovidos de quaisquer atrativos.³

Já em 1988, Gorz alertava para os perigos, nos bem situados países centrais, da emergência de uma sociedade dual: no núcleo do sistema, estariam posicionadas as classes privilegiadas, bem empregadas e bem remuneradas; na periferia do sistema, orbitaria o contingente cada vez mais populoso de sujeitos precarizados, marginalizados ou excluídos.⁴ As classes protegidas, hipervalorizadas, estariam sempre na busca pela ampliação de seu tempo dedicado ao trabalho bem pago e de prestígio.

3 São inumeráveis os trabalhos que investigam o colapso do Mundo do Trabalho. Para ficarmos em três referências ver CASTEL, R. *Les métamorphoses de la question sociale: une chronique du salariat*. France: Fayard, 1996; STANDING, G. *O precariado: a nova classe perigosa*. São Paulo: Autêntica, 2013; e GRAEBER, D. *Bullshit Jobs*. Paris: Les Liens qui libèrent, 2018.

4 GORZ, A. *Metamorfoses do Trabalho: crítica da razão econômica*. São Paulo: Annablume, 2007.

Para tanto, contariam com o auxílio dessa massa de serviços periféricos que, com remunerações cadentes, ocupar-se-iam da prestação dos serviços de lazer e das atividades de manutenção e cuidados, no âmbito doméstico, consideradas monótonas e de pouco valor.

Com efeito, o quadro que se desenha perante nossos olhos é dramático: relatório do *World Employment and Social Outlook*⁵ atesta que meio bilhão de adultos não alcançava níveis suficientes de trabalho pago: eram 188 milhões os desempregados, 165 milhões os subocupados por insuficiência de horas trabalhadas e 120 milhões os que se encontravam na força de trabalho potencial.⁶ Em outro registro, um a cada cinco adultos *com trabalho*, ou 700 milhões de pessoas, viviam em situação de pobreza moderada ou extrema.⁷

Qual é a solução para esse flagelo? “A volta do crescimento!”, dirão os economistas, num brado uníssono. Apenas o crescimento econômico pujante e sem peias será capaz de oferecer soluções para mitigar o drama da redundância do trabalho vivo. Boas novas? Talvez não, e por sobejas razões.

5 ILO (International Labour Office). *World Employment and Social Outlook: Trends 2020*. Genève, 2020. Disponível em: https://www.ilo.org/global/research/global-reports/weso/2020/WCMS_734455/lang-en/index.htm. Acesso em: 21 jan. 2021.

6 Pessoas que buscaram trabalho, mas não se encontravam disponíveis no momento das sondagens, ou que estavam disponíveis, mas não buscaram trabalho.

7 São considerados trabalhadores vivendo em pobreza moderada os que têm acesso a uma renda *per capita* diária entre 1,9 e 3,2 dólares e os em pobreza extrema os que percebem menos de 1,9 dólar, todos convertidos em paridade de poder de compra.

Em primeiro lugar, pois vivemos em tempos de desaceleração econômica.⁸ Em segundo lugar, convém lembrar, atravessamos tempos de uma revolução tecnológica, denominada de Indústria 4.0, francamente poupadora de trabalho vivo.⁹ Terceiro, é mister constatar que o crescimento econômico, quando sobrevém, em taxas agora bastante modestas, já não cria tantos empregos como antes.¹⁰ Finalmente, talvez seja necessário perguntar-se: é realmente possível continuar a crescer num mundo que ultrapassa velozmente suas fronteiras planetárias seguras?¹¹

Assim, se os caminhos convencionais se encontram emaranhados, talvez seja mais desejável sugerir novas veredas para nossas reflexões sobre o futuro do trabalho. Ao invés de lançarmo-nos nos trilhos bem conhecidos à nossa frente, reforçando o *status quo*, que tal pensarmos

8 Aliás, sobre a desaceleração econômica (*slowdown*) para muitos economistas um novo normal, uma sugestão instigante é a leitura de DORLING, D. *Slowdown: the end of the great acceleration and why it's good for the planet, the economy, and our lives*. Yale University Press, 2020.

9 É possível identificar dois processos em curso no bojo da assim denominada Quarta Revolução Industrial: por um lado, a tendência de eliminação de parte do trabalho vivo em indústrias e serviços cada vez mais robotizados e automatizados; por outro, a criação de um conjunto de atividades precarizadas, mal remuneradas e fatigantes na esteira do espraiamento dos serviços das plataformas digitais em tempos de economia do compartilhamento. Ver especialmente SLEE, T. *Uberização: a nova onda do trabalho precarizado*. São Paulo: Elefante, 2019.

10 Os economistas, em seu jargão peculiar e hermético, explicam que a elasticidade de criação de empregos com respeito à renda é muito menor hoje do que foi antes. Ver, a esse respeito, ILO (International Labour Office). *World Employment and Social Outlook: Trends 2018*. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/323258711_World_Employment_and_Social_Outlook_Trends_2018. Acesso em: 21 jan. 2021, especialmente à página 5 o box "Slow Growth: the new normal?".

11 Sobre o conceito de fronteiras planetárias ver especialmente ROCKSTRÖM, Johan *et al.* A safe operating space for humanity. *Nature*, v. 461, n. 7263, p. 472-475, 2009.

nos marcos de um horizonte um pouco mais dilatado de tempo?

Imaginemos, para esse propósito, que nossa civilização ocidental, tal como a concebemos hoje, esteja a definhar. Imaginemos que teremos, por ação ou por omissão, que enfrentar a aventura de uma transição para uma nova forma de organização social e econômica. Evitemos imaginar nessa nova paisagem as visões cataclísmicas dos cenários de barbarização, à *la Mad Max*.¹² Ousemos pensar, na linha de muitas vertentes recentes da ampla literatura de Alternativas Sistêmicas, que será possível caminhar nas sendas de um decrescimento sereno.¹³

Portanto, nesse novo cenário, num futuro mais próximo ou longínquo, que aponta para uma transição de nossas formas de organização econômica e social – qualquer que seja seu feitio – cabe-nos indagar: que tipos de trabalho seriam indispensáveis? Ademais, para além da questão da qualidade de trabalhos necessários, valeria também perguntar: quais ideias nos guiam hoje que precisariam ser repensadas, que poderiam se mostrar contraproducentes na construção da transição?

12 O Instituto Tellus que se dedica a desenhar cenários artístico-científicos para as transições que podem se produzir no futuro, projeta entre as possibilidades para o devir cenários de barbarização em duas vertentes: a de cidades fortalezas (à semelhança da paisagem urbana de várias cidades brasileiras) e de *breakdown* (cenários *Mad Max*, também não muito distante das paisagens conflagradas de algumas periferias de grandes cidades, também no Brasil). Ver <https://www.tellus.org/>.

13 *Pequeno tratado sobre o decrescimento sereno*, é o título de um livro de Serge Latouche, de 2007 (Ver LATOUCHE, S. *Petit traité de la décroissance sereine*. Paris: Mille et une nuits, 2007.) Devo confessar que, como economista, relutei muito tempo em lê-lo. Quando venci minha resistência, pude constatar que parte considerável das dificuldades de aceitarmos novas ideias provém dessas relutâncias autoimpostas.

Começamos pela segunda questão. Muitos talvez tenham se sobressaltado quando, dois parágrafos atrás, o economista que assina este ensaio, oriundo de uma profissão cuja sacralidade irradia dos dogmas do crescimento econômico e da produtividade, lavrou o inominável termo “decrescimento”. Pois, se há algo que se ensina a todos os economistas, nas disciplinas introdutórias, é no que consiste o crescimento, como se mede o crescimento, porque é bom e inevitável o crescimento e porque um mundo sem crescimento não pode (e não deve) sequer ser cogitado. Cristalizado esse saber, os bons manuais do ramo professam que o crescimento depende da inelutável força do crescimento da produtividade, matriz da soberania, da competitividade, da riqueza das nações, da ampliação do excedente, das promessas de maior afluência no devir.

Recuemos um pouco no tempo e nos detenhamos nesse ensaio provocador de John Maynard Keynes. Em 1930, em plena crise da Bolsa de Nova York, o grande economista sugeria que as turbulências daquele momento não deveriam ser imputadas aos achaques da velhice que acometeriam o capitalismo. Seriam tão somente as dores do crescimento de um sistema que deveria ser amparado, para que suas promessas de redenção pudessem florescer. Keynes apostava que em mais cem anos, se o capitalismo pudesse operar sua mágica do crescimento exponencial, a humanidade, pela primeira vez desde seus primeiros passos na Terra, poderia solucionar “o problema

econômico”: a fastidiosa e penosa tarefa de ganhar o sustento diário com o suor do rosto.

Keynes venceu e perdeu sua aposta. A despeito de muitos contratempores pelo caminho, o crescimento econômico, como ele previra, foi absolutamente singular nesses quase cem anos.¹⁴ No entanto, em outro registro, a humanidade nem mesmo se aproximou do horizonte da superação do trabalho. Porém, é preciso admitir: Keynes não havia sugerido que o crescimento econômico seria condição suficiente e tampouco havia se aventurado em dizer como se procederia à redução do tempo de trabalho quando a obra da acumulação houvesse vingado.

Avaliemos, com rigor, a situação em nossos dias: é dever constatar que a quantidade total de trabalho remunerado é pessimamente distribuída. Portanto, se considerarmos o número de pessoas desprovidas de rendimentos que de bom grado desejariam partilhar o trabalho social a ser feito e se subtrairmos da massa de trabalho realizada no presente os trabalhos inúteis, desprovidos de qualquer sentido, não seria difícil fantasiar a consumação do sonho acalentado por Keynes: desde que houvesse uma partilha do trabalho, trabalharíamos todos poucas horas por semana (quinze, ele sugeria!), e apenas para assim contentar o Adão que guardamos dentro de nós.

14 Apenas a título de ilustração, entre 1950 e 2000, o crescimento do PIB *per capita* mundial foi da ordem de 2,9%, o que significa que apenas neste período, o PIB mundial *per capita* quadruplicou. Ver ZILIBOTTI, F. Economic Possibilities for Our Grandchildren-75 Years After: A Global Perspective. In: PECCHI, L.; PIGA, G. (ed.). *Revisiting Keynes: economic possibilities for our grandchildren*. Cambridge: MIT Press, 2008.

Reencarnado nos dias de hoje, Keynes seria tentado a reescrever seu ensaio. Talvez começasse seu novo texto com as mesmas platitudes: que mesmo a taxas bastante modestas, se continuássemos a crescer a 2% ao ano, em mais cem anos, o PIB mundial octuplicaria. Porém, dessa feita, a questão que nos proporia seria ferina: “Alguém poderia conceber uma potência de transformação de insumos, de energia, de matéria viva, de trabalho, de produção de poluentes, cerca de oito vezes maior do que a atual, sem temores de uma profunda e irreversível alteração dos ciclos metabólicos dos processos biogeoquímicos que garantem a estabilidade da teia da vida na Terra?”.

Portanto, como economistas é dever perguntarmos, como aterrar?¹⁵ Se é possível sugerir que a obra do crescimento e da ampliação das forças produtivas já foi realizada, a tarefa que nos cabe é desvencilharmos dos antolhos que nos atraem para o abismo.¹⁶ Temos que levar a sério a advertência que nos fazia Keynes: “O amor ao dinheiro como uma posse – diferente do amor ao dinheiro como meio para o gozo e as realidades da vida,

15 A referência despretenhosa é com a obra de Bruno Latour, *Onde Aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno* (Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020), que, em certas passagens, serve-nos como inspiração. Despretenhosa, é mister dizer, não a obra, aliás imperdível, mas a referência um pouco livre a esta.

16 Se a urgente tarefa é repensar a Economia, talvez seja tempo de levar a sério este bellissimo livro, infelizmente ainda não traduzido para o português: *Capitalisme et Pulsion de Mort* (Paris: Albin Michel, 2009), de dois grandes economistas infelizmente já falecidos, Gilles Dostaller, morto em 2011 e Bernard Maris, morto em 2015, no atentando ao periódico satírico francês, *Charlie Hebdo*. Nesse livro, seus autores propõem uma leitura do capitalismo sobre o duplo prisma de Keynes e Freud.

será reconhecido por aquilo que é: uma morbidade um pouco fastidiosa, uma dessas tendências semicriminosas e semipatológicas que se costuma confiar com arrepios aos especialistas em doenças mentais”.¹⁷

Se o crescimento ilimitado, para o infinito e além, em um mundo fisicamente limitado, parece um engodo pouco sofisticado,¹⁸ algo que apenas viceja na cabeça de alguns economistas ainda presos às armadilhas da física newtoniana,¹⁹ quiçá é possível sugerir que o crescimento da produtividade, para uma ampla gama de atividades, não faz mais qualquer sentido.

Para explorar esse ponto, pouco convencional, já que a cartilha do economista reza, desde o pai Adão, o Smith, que a riqueza das nações é fruto da divisão do trabalho e do aumento da produtividade ensejado por esta, convém nos aproximarmos desse economista ecológico britânico, Tim Jackson, autor do célebre livro *Prosperidade sem crescimento*.²⁰ Em novo ensaio, escrito em parceria com Mair e Druckman,²¹ esses autores provocam-nos com

17 KEYNES, J. M. Possibilidades econômicas para nossos netos [1930]. In: SZMRECSANYI, T. (org.) e FERNANDES, F. (coord.). *Keynes*. São Paulo: Ática, 1978. p. 157. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

18 MÉDA, D. *La mystique de la croissance: comment s'en libérer*. Paris: Flammarion, 2014.

19 A física newtoniana, por estranho que possa parecer, é a base epistemológica e metodológica dos artefatos mentais da tradição econômica ainda dominante.

20 JACKSON, T. *Prosperité sans Croissance: la transition une économie durable*. Bruxelles: De Boeck Université, 2010.

21 MAIR, S; DRUCKMAN, A; JACKSON, T. A tale of two utopias: Work in a post-growth world. *Ecological Economics*, 173, p. 1-11, 2020.

as descrições fantásticas do país da Cocanha e do livro de William Morris, *News from Nowhere*,²² explorando justamente o sentido da atividade humana nessas utopias, representações não contaminadas pela lei de ferro do progresso material incontornável. Desse mergulho em terras imaginárias, fazem imergir um campo discursivo no qual o trabalho pode ser repensado e reconfigurado na direção das transições para um mundo pós-crescimento.

Os autores argumentam que uma das principais tarefas a serem enfrentadas para a construção de um novo Mundo do Trabalho é o rompimento com a ideia do trabalho coercitivo, mandatário, inescapável e produtivista. Mas, argumentam, isso é válido, sobretudo, para o campo do trabalho mercantil, para o trabalho de natureza heterônoma,²³ e não se estende, é fundamental frisar, para toda e qualquer necessidade de trabalho humano. Aliás, bem ao contrário, sugerem que a perspectiva da necessária transição vai requerer uma imensa quantidade de trabalho autônomo a ser realizado coletivamente.

22 O país da Cocanha é uma representação quimérica surgida por volta do século XII sobre uma terra mítica de abundância onde não existe trabalho e onde a comida se oferece aos seus habitantes. Já o livro de William Morris, *News from Nowhere*, de 1890, traz o relato de uma terra utópica onde o trabalho é fonte de prazer, de autoconhecimento e de realização.

23 O trabalho heterônomo, nos termos de Gorz, é aquele cujos fins escapam ao controle de seu executor. Já a atividade autônoma não é premiada pelas necessidades e não tem outro fim que ela mesma. As atividades artísticas, científicas, educacionais, culturais, solidárias e coletivas são autônomas e, estranhas à racionalidade e ao cálculo mercantil, preñhes de possibilidades de emancipação.

Deixemos sedimentar um pouco mais essa ideia. Afinal, liberar-nos-emos do trabalho ou não? A solução do problema econômico não significa uma vida de ociosidade, o elogio da preguiça? Uma vida em que hoje se pode: “[...] fazer determinada coisa, amanhã outra, caçar pela manhã, pescar à tarde, criar animais ao anoitecer, criticar depois do jantar, sem jamais me tornar caçador, pescador, pastor ou crítico”.²⁴

Sim e não. Pelo sim, diríamos que emancipar-se do trabalho heterônomo é algo libertador, que pode inclusive despertar os doces sentimentos do labor como arte. Mas, pelo não, é inviável cogitarmos um mundo de ócio improdutivo, já que ainda serão muitas as frentes de atividades para que a civilização vindoura possa ser próspera, mais sustentável e justa.

Pensem livremente. Quais atividades deveriam ser desenvolvidas num mundo em transição? Pensem, sobretudo, naquelas que não estão envolvidas na produção de bens materiais, deixando de lado a produção dos objetos que hoje se apresentam aos olhos ávidos dos consumidores “soberanos” nas vitrines dos templos do hiperconsumo modernos.²⁵ Pensem, particularmente, nas atividades de baixo impacto ambiental

24 Marx (2008, p. 60).

25 A referência aqui é BAUMAN, Z. *Vida para consumo*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 2007.



que exigem menor dispêndio de energia, justamente aquelas mais transformadoras no sentido de uma relativa homogeneização dos padrões de vida e da reconstrução dos ambientes devastados pela sanha do crescimento econômico.

Uma primeira atividade desse tipo é a educação. Educação em sentido amplo, que deve incluir a educação formal, mas provavelmente não como a conhecemos hoje. Pois, se vivermos num mundo em transformação, esta nova educação terá que se reorientar no sentido dos novos conhecimentos, das novas práticas e dos novos valores que sustentarão as novas formas de organização a serem criadas. Arriscaria dizer que a inseparabilidade da Natureza e da Cultura deveria ser um dos novos aspectos distintivos dessa educação transformadora, assim como a exaltação dos valores para uma boa vida: o conhecimento, a amizade, as atividades artísticas e os cuidados com todos os seres que nos cercam.

Outra atividade pouco dependente de grandes dispêndios de energia, mas bastante exigente em trabalho humano e com grandes impactos na qualidade de vida das pessoas, é aquela devotada aos cuidados preventivos e educativos de saúde. Desnecessário dizer que essa atenção à saúde – o acompanhamento das condições de saúde física e mental, dos hábitos de vida, das dietas e das condições de higiene das diversas comunidades



– produziria impactos importantes no evitamento das enfermidades, das internações hospitalares e dos procedimentos de alto custo da medicina curativa.

De outra parte, um mundo em transição exigirá um grande investimento de trabalho humano para a reconstrução de seus biomas afetados. Já existem muitas iniciativas nesse sentido e há muito conhecimento produzido de como se podem recuperar áreas degradadas.²⁶ No mesmo sentido, pode-se imaginar o aproveitamento dos saberes de comunidades tradicionais que contam com experiências viventes de uma relação mais harmoniosa entre a humanidade e a Natureza. Assim, por que não imaginar que um mundo em transição pode ser muito mais diverso, com espaço para que formas alternativas de organização também possam prosperar?

Provavelmente, um mundo em transição requererá uma nova dieta. É bem possível que a humanidade cogite alterar seus padrões alimentares, abandonando sua pobre dieta forjada pela indústria alimentícia após a Segunda Guerra, extensamente baseada em farinhas, açúcares e gorduras ultraprocessados. Se for esse o caso, as vantagens serão imensas. Uma reativação dos circuitos mais curtos de produção de alimentos

26 Nesse sentido, e apenas a título de exemplo, ver a iniciativa da recuperação de 600 hectares de Mata Atlântica em antigo pasto devastado do casal Lélia Deluiz Wanick Salgado e Sebastião Salgado em <https://institutoterra.org/>.

ensejaria a ampliação dos cinturões verdes no entorno dos centros urbanos, ou mesmo de hortas comunitárias no interior destes. A produção e o consumo em cadeias mais curtas diminuiriam sobremaneira os desperdícios, as necessidades de transporte, de refrigeração e de processamento químico dos alimentos. Os benefícios para a saúde seriam imensos; quem sabe a epidemia da obesidade sobreviveria apenas como uma curiosidade histórica. Cultivares de gêneros alimentícios, em vias de se perderem pelo efeito uniformizador dos hábitos dietéticos, poderiam ser revitalizados.²⁷ Com uma agricultura mais local e uma dieta menos processada, poder-se-ia prever um declínio da agricultura dos grandes latifúndios, monocultora, pouco sustentável e imensamente dependente de combustíveis fósseis (para as gigantescas máquinas agrícolas, para herbicidas, inseticidas, adubos e fertilizantes, para a irrigação, a armazenagem e o transporte). As técnicas já muito estudadas da agroecologia poderiam se expandir, com ganhos evidentes na diversidade dos cultivos, na conservação dos recursos naturais, na utilização de técnicas de baixo impacto ambiental e no uso de energias renováveis.

Outras atividades de cuidados poderiam ganhar importância, todas com baixo impacto ambiental e bastante exigentes em dispêndio de energia humana. Há inúmeras

frentes para as atividades de cuidado: cuidado com as crianças, com os deficientes, com os jovens, com os idosos, com os animais, com a manutenção dos espaços públicos, bem como com a manutenção dos lares. Se uma revalorização dos trabalhos de cuidados, dos trabalhos domésticos, de manutenção e de preservação da vida em comunidade é bastante desejável que se realize, isso implicará, é bem certo, um novo aprendizado para jovens economistas. Teremos que abandonar nossos diagramas hidráulicos de uma economia onde as famílias são representadas apenas como provedoras de “fatores produtivos” e reconhecer que, no âmbito econômico, para a sustentação da vida humana, concorrem além do “mercado” e do Estado, as formas de coordenação dos comuns e, com notável importância, dos agregados domésticos.²⁸

Sugerida essa ampla gama de atividades ideadas para um mundo em transição,²⁹ ainda seria cabível, ou prudente, insistir em métricas comprometidas com os objetivos de incrementos contínuos de produtividade? Ou poderíamos, com certo alívio, abandonar essa obsessão produtivista em prol de outras realizações, do prazer do trabalho bem feito, recompensador, que estaria a ativar os circuitos da solidariedade, da cooperação e da reciprocidade? Gorz, numa lúcida reflexão ponderava

27 Ver, apenas a título de exemplo, a Feira de sementes e mudas dos quilombos do Vale do Ribeira, <https://www.socioambiental.org/pt-br/tags/feira-de-sementes-e-mudas-dos-quilombos-do-vale-do-ribeira>.

28 A esse respeito uma das referências é RAWORTH, Kate. *Economia Donut*. Rio de Janeiro: Zahar, 2019. Especialmente o capítulo 2.

29 Pode-se, com proveito, estender muito o conjunto de atividades que deveriam ser transformadas na perspectiva de uma transição para um mundo no sentido da sustentabilidade da vida. Deixamos ao leitor a sugestão de expandir essa lista.

com ênfase: “Um trabalho que tem por efeito e finalidade fazer economizar trabalho não pode, ao mesmo tempo, glorificar o trabalho com fonte essencial da identidade e do desenvolvimento pessoais”.³⁰

Propositalmente, nada dissemos sobre como construir esse mundo novo. Se acreditarmos na capacidade que nós, seres humanos, temos de fazer escolhas inteligentes, há uma imensa tarefa pela frente que espera a atenção dos novos economistas que, acredito, sem pesar, abandonarão o fardo de muitos conhecimentos já fossilizados.

Finalmente, se este ensaio se iniciou com a provocação de que algumas das grandes promessas da Modernidade estão a ruir, e espetacularmente, é preciso dizer: “Três vivas a isso!”.



30 GORZ, *op. cit.*, p. 93.